

POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO NO CAMPO COM INTERMEDIÇÃO TECNOLÓGICA: PERSPECTIVAS DE FORMAÇÃO DOS JOVENS DA COMUNIDADE SOCIAL DE BENEFÍCIOS DA EX-PEC SERRA DO RAMALHO - BA

Inaiara Alves Rolim

Mestranda em Educação
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
inaiararolim@gmail.com

Elis Cristina Fiamengue

Dr^a. em Sociologia
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
eliscf@gmail.com

Resumo: Este trabalho pretende discutir a proposta de uma pesquisa em fase inicial, desenvolvida no mestrado profissional em Educação da Universidade Estadual de Santa Cruz, que está assentada no estudo das políticas educacionais do Ensino Médio no campo com Intermediação Tecnológica - EMITec, tendo como pano de fundo as perspectivas de formação dos jovens da Comunidade Social de Benefícios da Ex-PEC Serra do Ramalho – BA. Enquanto professora da referida unidade escolar, é possível sentir angústias e inquietações a respeito de como a proposta pedagógica do Ensino Médio do campo por Intermediação Tecnológica dialoga com as especificidades de formação dos jovens estudantes da referida comunidade. Desse modo, a partir de uma proposta de pesquisa participante, cujos atores serão os professores, os jovens estudantes, a direção da escola e o secretário da escola, pretende-se a partir de entrevistas semi estruturadas, registros em diário de campo, análise documental e observação direta para avaliar as políticas públicas educacionais para essa população.

Palavras chave: Ensino Médio do Campo. Intermediação Tecnológica. Políticas Educacionais.

Introdução

Este artigo é resultado de uma pesquisa em andamento, realizada dentro do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação – Formação de Professores da Educação Básica, da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. O projeto tem como objetivo central analisar se as políticas públicas educacionais para o Ensino Médio no Campo com Intermediação Tecnológica contribuem com as perspectivas de formação dos estudantes da Comunidade Social de Benefícios da Ex-PEC Serra do Ramalho – BA. A realização desta pesquisa assenta-se em três pontos de interesse das pesquisadoras:

1. O primeiro refere-se ao interesse pessoal da mestranda, pois o fato de atuar como professora em uma escola do meio rural fez surgir a necessidade de pesquisar a respeito do mundo juvenil no contexto do Ensino Médio no Campo. Assim, partindo da compreensão que a escola é um dos espaços no qual acontece parte do processo de socialização dos jovens e, também, é espaço de “relações sociais entre sujeitos envolvidos – alunos, professores, funcionários, pais – que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias (...)” (DAYRELL, 2007, p. 1118), entende-se que estudar as experiências e perspectivas de formação no ambiente escolar permitirá a elaboração de estratégias que podem auxiliar no desenvolvimento de um trabalho pedagógico que contemple as especificidades dos estudantes dessa realidade bastante específica;

2. O segundo diz respeito à relevância social do estudo. Levando-se em conta que a juventude rural sofre um processo de invisibilização social (WEISHEIMER, 2013), sendo prejudicada em seus direitos básicos, há a necessidade de contribuir para desconstruir a imagem do jovem do campo como ingênuo, coitado e incapaz de construir novos conhecimentos. Fato que, muitas vezes, leva ao surgimento de uma educação fragilizada e dispensada de qualquer forma, sem coerência com a realidade e necessidades formativas desses jovens;

3. O terceiro ponto relaciona-se com a necessidade de aprofundar e intensificar os estudos a respeito dos jovens do meio rural e como o ensino por Intermediação Tecnológica dialoga com as experiências de vida dos mesmos, contribuindo (ou não) para sua formação, ao mesmo tempo em que são investigadas tanto a existência de políticas públicas educacionais para o campo, quanto como elas são desenvolvidas na escola. Nesse sentido, um estudo a respeito das perspectivas de formação da juventude de uma escola situada em uma comunidade rural do município de Serra do Ramalho, justifica-se pela necessidade de dar voz e visibilidade a uma parcela da sociedade que é comumente esquecida e para a qual não se pensa em educação por muitos anos além da fundamental.

Contextualizando o espaço da pesquisa

A presente pesquisa está sendo realizada no município de Serra do Ramalho - BA, cuja origem está relacionada à construção da barragem de Sobradinho, que alagou as cidades de Casa Nova, Remanso, Sento Sé, Pilão Arcado e Xique Xique. As famílias que habitavam essas cidades foram obrigadas a fixarem residência na região que hoje conhecemos como Serra do Ramalho.



Localização do Município de Serra do Ramalho. Fonte: www.google.com.br. Domínio público.

A criação do assentamento que deu origem ao município foi coordenada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA que, por meio Projeto Especial de Colonização de Serra do Ramalho – PEC'SR, criado em 13 de maio de 1975, fez a transposição das 1800 famílias, mais os sem terra de várias partes do país distribuindo-os em 23 povoados, denominados, hoje, de Agrovilas. Essa área pertencia, inicialmente, ao município de Bom Jesus da Lapa, e era habitada pelas populações ribeirinhas, sendo em sua maioria remanescentes de quilombos.¹

Especificamente a pesquisa está concentrada em uma escola situada no povoado Comunidade Social Beneficente/CSB; esta escola foi fundada no ano de 1997, em uma casa de um morador, um ano depois, com o aumento gradativo de alunos, a prefeitura de Serra do Ramalho construiu uma escola em terreno doado pelo morador que inicialmente disponibilizou uma casa e hoje a escola atua com 136 alunos, desde a Educação Infantil até os anos finais do Ensino Fundamental, e com 28 alunos do Ensino Médio por Intermediação Tecnológica - EMITec. Como este estudo objetiva analisar se o EMITec contempla as perspectivas de formação dos jovens da comunidade, a pesquisa envolve a direção, o secretário escolar, os monitores do EMITec e os alunos das três turmas.

As três monitoras do programa são pedagogas e residem em uma comunidade próxima à Comunidade Social de Benefícios e utilizam o transporte escolar para chegar até a escola. Os alunos que frequentam o EMITec são em sua maioria moradores da Comunidade Social de Benefícios e uma pequena parcela faz parte de uma comunidade rural vizinha.

No contexto da unidade escolar da Comunidade Social de Benefícios – CSB, a oferta

¹ Informações adquiridas no site <http://serradoramalhoba.com.br/>.

do Ensino Médio por Intermediação Tecnológica surge como uma alternativa de possibilitar o acesso de alunos que moram distantes das instituições de ensino regular e facilitar a conciliação entre trabalho e estudo. Seguindo o que está posto no Art. 4, inciso II da Lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Base, onde dispõe que o poder público tem o dever de garantir a “universalização do Ensino Médio gratuito”, a proposta de ensino por Intermediação Tecnológica tem como centralidade favorecer o acesso dos jovens ao processo de ensino e aprendizagem em lugares remotos, assim como, suprir a carência de professores para atuarem nessas comunidades por meio do ensino presencial.

Na Comunidade CSB a unidade escolar, por meio de uma parceria entre a Secretaria de Educação do Município de Serra do Ramalho e o Estado, disponibiliza seu espaço para o funcionamento do Ensino Médio por Intermediação Tecnológica no turno Noturno, que carece de maior atenção das entidades políticas no sentido de melhorar as condições e a qualidade de estudo dos jovens estudantes. Com uma metodologia baseada em videoconferência e chats, a proposta de ensino do EMITec visa possibilitar a interação entre os alunos e o professor em tempo real, no momento da aula. Entretanto, nessa dinâmica a cultura e as experiências dos jovens do campo não são contempladas, visto que o EMITec centra-se na transmissão de conteúdos de maneira genérica para diferentes comunidades ao mesmo tempo, isso sem preocupar-se com as características de cada uma delas.

Metodologia

Para a construção do conhecimento a respeito das ‘Políticas Educacionais de Ensino Médio no Campo com Intermediação Tecnológica: perspectivas de formação dos jovens da Comunidade Social de Benefícios da Ex-PEC Serra do Ramalho’, esta pesquisa é de abordagem qualitativa, que segundo Minayo (1994, p.21-22), “responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Amplia a compreensão e interpretação do fenômeno estudado. Assim sendo, a pesquisa adotou o método dialético, que para Gil, (1995, p. 31), “para conhecer realmente um objeto é preciso estudá-lo em todos os seus aspectos, relações e conexões” e possibilita ao pesquisador perceber as nuances que a pesquisa quantitativa não contempla.

O tipo de pesquisa adotado para a realização dessa investigação é a pesquisa participante. Como integro o quadro de professores da escola do campo, esta pesquisa nasce das minhas inquietações com relação ao processo formativo e acolhimento das experiências

dos jovens do campo no contexto do Ensino Médio com Intermediação Tecnológica na escola situada no campo. Isso porque, a pesquisa participante tem como base a relação entre o pesquisador e os sujeitos do fenômeno ou situação investigada. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 67), a pesquisa participante “caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. (...) implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem”. No contexto deste projeto, para a construção coletiva de conhecimento e delineamento de ações a pesquisa tem como sujeitos participantes os jovens estudantes, as monitoras do EMITec, a direção da escola e o secretário escolar.

Para o desenvolvimento dessa investigação está sendo realizada a observação direta e diário de campo, a entrevista semi estruturada e análise documental. Assim, sem perder de vista os cuidados éticos, respeitando as opiniões e preservando a identidade dos sujeitos, será possível conhecer as políticas educacionais para o Ensino Médio no Campo com intermediação Tecnológica e quais as perspectivas de formação dos jovens da Comunidade Social de Benefícios. Espera-se que por meio desse diálogo seja possível a elaboração de ações e projetos que valorizem as perspectivas de formação e a cultura juvenil no âmbito do planejamento dos professores e da direção, assim, como o desenvolvimento de práticas que vá ao encontro dos interesses e necessidades dos jovens alunos. Vale ressaltar que as análises realizadas até agora se dão a partir da vivência da mestranda/pesquisadora na escola e na interação com os sujeitos da pesquisa.

O Jovem no contexto do Ensino Médio no Campo com Intermediação Tecnológica

Ao longo do tempo tem se consolidado a imagem do jovem do meio rural ligado meramente às questões inerentes à agricultura familiar, da sucessão na terra, ou da migração para a cidade. Este estudo, por sua vez, visa desenvolver uma reflexão a respeito de como esse jovem constrói sua cultura no meio rural; quais elementos culturais constituem a(s) cultura(s) dos jovens desse espaço e como a escola contempla, ou não, a cultura juvenil; qual o lugar da escola nas perspectivas de formação e para o futuro. É interesse desse estudo, portanto, investigar as práticas desses jovens no que se relaciona ao trabalho, ao lazer, à religiosidade, relacionamentos, estilos, relação com a escola, enfim, busca traçar um perfil dos jovens do meio rural, ao mesmo tempo em que analisa como a escola, nesse caso o Ensino

Médio com Intermediação Tecnológica, acolhe as vivências e os modos como esses jovens se relacionam com o outro e com seu meio.

Falar de juventude do meio rural exige que se discuta também acerca da situação do meio rural no contexto político, econômico e social brasileiro, pois os problemas que permeiam esse espaço, desde a herança da chegada dos portugueses ao Brasil, até o que tem acontecido nos últimos anos, em especial, no cenário político, têm afetado os jovens diretamente. Discutir sobre juventude do meio rural implica, portanto, refletir a respeito do modelo de desenvolvimento do campo na atualidade e as contradições que esse modelo impõe aos jovens que vivem nesse espaço. De acordo com Luiza Dulci, economista com mestrado em Sociologia, assessora de Juventude do Ministério do Desenvolvimento Agrário, em entrevista para o site Teoria e Debate, “há dois desafios postos para a juventude rural: conquistar o seu lugar no espaço rural e disputar seu lugar no âmbito das juventudes”². O jovem do meio rural tem diante de si o desafio de enfrentar a invisibilidade da juventude em espaços como a família, cooperativas, associações, escola, etc., ao mesmo tempo em que precisa lutar por espaço nas pautas políticas e, ainda, superar a visão preconceituosa que acompanha o rural como atrasado e ingênuo, sem grande importância no desenvolvimento local e nacional.

Esses desafios contribuem para que os jovens do campo não construam o desejo de ficar nesse espaço, contribuindo para que as autoridades políticas se aproveitem desse fato como desculpa para a pouca existência de projetos e políticas públicas que garantam ao jovem do meio rural o acesso a direitos como saúde, trabalho, educação e lazer. Em prefácio do livro “Juventudes do Campo”, Molina (2015, p. 13) coloca que é preciso reconhecer que “sujeitos nascidos em determinado tempo histórico, compartilham de seu tempo em estreita relação com as especificidades do ciclo de vida a que pertencem”. Isso exige do setor político ações que vá ao encontro das demandas da juventude rural, que contemplem as necessidades socioculturais atuais, os projetos de futuro, anseios e promova espaços de lazer. Assim, a juventude, categoria construída socialmente, se constitui de acordo com as configurações sociais de seu tempo e espaço; os jovens do campo, expostos à perversidade do agronegócio e de sua ‘modernidade’, precisam desenvolver estratégias de sobrevivência ao mesmo tempo

² Revista Teoria e Debate, disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2016/02/15/%EF%BB%BFa-juventude-rural-e-o-futuro-da-agricultura-familiar-no-brasil/>

em que conquistam espaço para expressarem sua visão da realidade e vivenciarem os elementos culturais juvenis. De acordo com Molina (2015, p. 13),

As juventudes camponesas contemporâneas enfrentam um tempo histórico no qual os horrores da sociedade capitalista se intensificaram profundamente no campo brasileiro. As transformações trazidas com a mudança da lógica de acumulação de capital no campo, pelo modelo agrícola representado pelo agronegócio, que exige cada vez mais vastas extensões de terra para implementação de suas monoculturas para exportação, transformando os alimentos em commodities, intensifica, por diversas estratégias, a superexploração dos camponeses e suas famílias, e, entre eles, dos jovens.

Nesse sentido, a juventude do meio rural faz parte de um contexto histórico dominado pelo sistema capitalista que contrapõe a agricultura familiar ao agronegócio, criando a visão de que o primeiro é sinônimo de atraso e o segundo representa a modernidade, gerando uma migração intensa dos trabalhadores rurais, entre eles os jovens, de suas terras para procurar emprego na cidade ou para trabalhar em grandes propriedades de cultivo da cana, laranja, café, dentre outras. Processo esse que submete os jovens do campo a condições de sobrevivência insalubres e a impossibilidade de acesso à terra, assim como, a ausência de políticas públicas que lhes possibilite a permanência em seu território.

No processo de compreensão e construção de um conceito que busque traduzir da melhor forma a categoria juventude do meio rural, Leão e Antunes-Rocha (2015, p. 21), discutem que é preciso levantar questionamentos como,

Que desafios vivenciam na superação identitária de sujeitos definidos historicamente a partir da vinculação geoespacial abordam como atrasados, ignorantes, distantes do progresso e da modernidade localizadas no espaço urbano? Como a migração em busca de trabalho e estudo impacta a continuidade e permanência dos grupos familiares camponeses? Questões relacionadas aos aspectos geracionais, étnico-raciais e de gênero são temas importantes quando falamos em juventude camponesa? Quais os caminhos encontrados pelos jovens que persistem em continuar em seus territórios? A participação em movimentos sociais vem se constituindo como um caminho promissor para eles?

Nesse contexto, percebemos que a temática juventude do campo é ampla e ultrapassa as fronteiras geográficas. A discussão vai além das condições necessárias para ficar no meio rural ou como vivem os jovens desse espaço; o estudo a respeito desse grupo social revela a complexidade na construção de um panorama que represente fielmente a juventude em todas as suas especificidades. A esse respeito Leão e Antunes-Rocha (2015, p. 21), aponta que “ao usarmos o termo ‘juventude do/no campo’ chama-se a atenção para a dificuldade em nomear esses sujeitos sem cair em uma visão estereotipada e tradicional do campo brasileiro como

espaço limitado a um perímetro não-urbano”. Sobre a abordagem a respeito dos jovens do meio rural, Leão e Antunes-Rocha, (2015, p., 26), apontam, ainda, que

Exige compreender o território do campo para muito além de um espaço de produção agrícola em contraposição à produção industrial, de uma cultura rústica versus cultura moderna ou de um lugar sem trabalho para um espaço onde se pode produzir para viver com dignidade (...). O campo como (...) território onde se forma a juventude camponesa, de múltiplas possibilidades, de novas relações entre os seres humanos e entre estes e a natureza, de novas articulações e possibilidades de produção/reprodução da vida.

Assim, ao tratar sobre os jovens do meio rural é preciso que se considere o jovem de maneira global; é necessário levar em conta sua subjetividade e que eles sejam vistos enquanto sujeitos históricos que congregam em suas ações os traços de sua identidade construída socialmente e com maneiras próprias de entender sua realidade e produzir sua maneira de viver. Entendemos então, que os jovens do campo têm diante de si desafios que vão desde conquistar condições para permanecer em seu território com recursos para uma vida digna, até as condições para poderem expressar-se diante de sua realidade. Nessa discussão surgem dois elementos de grande pertinência na constituição da juventude: o trabalho e a escola. A esse respeito Dayrell (2007, p. 1109), aponta que

No Brasil, a juventude não pode ser caracterizada pela moratória em relação ao trabalho, como é comum nos países europeus. Ao contrário, para grande parcela de jovens, a condição juvenil só é vivenciada porque trabalham, garantindo o mínimo de recursos para o lazer, o namoro ou o consumo. Mas isso não significa, necessariamente, o abandono da escola, apesar de influenciar no seu percurso escolar.

Nesse sentido, os significados atribuídos ao trabalho e a escola pelos jovens são variados e complexos, pois envolve fatores como situação socioeconômica, influência da família, acesso e condições de permanência na escola, dentre outros fatores. Dayrell (2007, p. 1109) discute que “para os jovens, a escola e o trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas, de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil”.

Trabalho e escola são dois elementos de fundamental importância na vida dos jovens. Um lhe garante os meios para o acesso ao lazer, a sentir-se aceito pelo grupo, a possuir roupas e aparelhos eletrônicos que fazem parte do sonho de consumo dos jovens, sendo possível afirmar que “o trabalho também faz a juventude” (SPOSITO, 2005, *apud* DAYRELL, 2007, p. 1109); a outra passa a ser vista para além de um espaço de aquisição de conhecimento, mas

como espaço de encontro de seus amigos, de socialização, de troca de ideias, de manifestação dos elementos de sua cultura juvenil, o que coloca novos desafios à escola.

Nesse sentido, o EMITec surge na escola do meio rural como uma possibilidade dos jovens desse espaço permaneçam na escola e deem continuidade aos seus estudos sem precisarem sair de sua localidade. Criado em 2011 e normatizado pela portaria nº 424/2011, Diário Oficial de 21 de Janeiro de 2011, o EMITec é uma política educacional que, apresenta uma proposta de oferecer o Ensino Médio aos jovens e adultos estudantes que moram e trabalham em comunidades distantes ou de difícil acesso à rede Estadual de ensino. Ao utilizar-se de serviços de comunicação multimídia com som e imagem o programa transmite as aulas via satélite e procura promover a interação entre o professor à distância por meio de chats mediados pelo monitor presencial. Segundo Rabelo (2006, apud SANTOS; ARAÚJO, 2017, p. 3), a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) possibilita: “[...] não só o atendimento a grandes contingentes de alunos, dispersos geograficamente, mas também a igualdade de oportunidades educativas e, conseqüentemente, a inclusão social.”

O centro de produção e transmissão de aulas do EMITec está localizado no Instituto Anísio Teixeira (IAT), situado em Salvador. Nesse centro acontece o planejamento e geração das aulas, gestão da produção e postagem dos instrumentos avaliativos, acompanhamento da vida acadêmica dos alunos e promoção de cursos de capacitação para mediadores³. De com as Orientações Gerais para Mediadores do EMITec (2013), o programa está estruturado de acordo com os seguintes seguimentos: a) Coordenação Executiva do EMITec: gestão geral do Programa; b) Coordenação Pedagógica e de Área: profissionais com formação diversificada, com o papel de fornecer orientação e acompanhamento pedagógico a professores e mediadores; c) Secretaria do EMITec: composta por uma equipe que colabora com a Coordenação Executiva do EMITec; d) Setor de Avaliação: responsável pela organização, revisão e postagem no AVA das avaliações realizadas pelos estudantes do EMITec; e) Coordenação de Estúdio: equipe de profissionais que atua diretamente na gestão dos trabalhos realizados nos estúdios que atendem ao programa; f) Professores: Profissionais da Rede Estadual de Educação, especialistas em diferentes áreas do saber, responsáveis por ministrarem as aulas, construção das avaliações e pela elaboração dos instrumentos de suporte à aprendizagem dos alunos; g) NRE/CEMIT/Escolas de Vinculação: Estabelecem contato

³ BAHIA (Estado). Secretaria de Educação. Orientações Gerais para Mediadores do EMITec. Salvador: Secretaria de Educação, 2013.

direto com a Coordenação Executiva e Secretaria EMITec, com a função de acompanhar as turmas do EMITec, através dos Coordenadores Locais e Diretores; h) Mediadores: Profissionais da área de educação que, embora não ministrem aulas, são fundamentais para o desenvolvimento das ações pedagógicas junto aos estudantes atendidos pelo Programa EMITec, realizando o acompanhamento da vida escolar do estudante, como a frequência, aplicação e correção dos instrumentos avaliativos dos estudantes; i) Alunos: jovens e adultos matriculados no Ensino Médio da Rede Estadual de Educação do Estado da Bahia, para as turmas do EMITec.

A tecnologia utilizada pelo programa para as transmissões das aulas é a plataforma de telecomunicações via satélite com o software IP.TV (Internet Protocol Television), que inclui recursos como videoconferência; as salas associadas ao programa são equipadas com Antena VSAT bidirecional, roteador-receptor de satélite, cabeamento estruturado (LAN), microcomputador, webcam com microfone embutido, TV LCD 37 polegadas, impressora a laser, no-break e acesso à Internet em banda larga via satélite. Outro recurso tecnológico que viabiliza a funcionalidade do programa é a Plataforma Moodle, que se refere ao ambiente virtual de ensino destinado a oferecer suporte teórico e metodológico aos professores especialistas e mediadores do Programa, bem como socializar as produções educativas dos estudantes. Sua estrutura é composta de diretórios de acesso, nos quais são postadas as videoaulas, informações administrativas e pedagógicas, legislação educacional, material de ensino (vídeo, áudio, slides, textos, livros, revistas, jornais e outros de interesse geral) didático e formação de professores, além de produções discentes⁴.

Na Comunidade Social de Benefícios o EMITec é implantado em substituição ao Ensino Médio Presencial devido a questões como a falta de professores habilitados nas diversas áreas específicas para atuarem em uma comunidade rural, no turno noturno; quantidade de alunos; falta de funcionários do Estado para dar suporte aos professores e alunos durante as aulas. Realidade que valida o objetivo do programa que oferecer o Ensino Médio aos estudantes que não podem estudar em outras localidades. No primeiro ano, 2013, iniciou com apenas uma turma do 1º ano do Ensino Médio; no ano seguinte passa a atender alunos do 1º e do 2º ano; no ano de 2015 passa a funcionar com as turmas de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. Com relação aos monitores, nos primeiros anos eles trabalharam por indicação

⁴ Informações disponíveis em: tecnologiasocial.fbb.org.br/tecnologiasocial/banco-de-tecnologias-sociais/pesquisar-tecnologias/detalhar-tecnologia-39.htm.

política, mas no ano de 2017 foi exigido que prestassem o concurso do Regime Especial de Direito Administrativo - REDA e que possuíssem formação em manuseio de Plataforma Moodle.

Análises preliminares

Acolher de maneira plena a juventude, com todas as suas especificidades socioculturais, na escola é uma questão desafiadora e compreender como se constitui a juventude é importante para entender o que acontece no cerne da escola enquanto ambiente de socialização e construção de conhecimento. Dayrell (2007, p. 1120), afirma que “a escola é invadida pela vida juvenil, com seus *looks*, pelas grifes, pelo comércio de artigos juvenis, constituindo-se como um espaço também para amores, as amizades, gostos e distinções de todo tipo”. No contexto do Ensino Médio por Intermediação Tecnológica, onde as transmissões acontecem via satélite em tempo real, seguindo um currículo padronizado para várias localidades, carga horária a ser cumprida e regras a serem obedecidas, o jovem é submetido a um processo, o qual vê apenas sujeitos a serem formados, sempre com vistas ao futuro, deixando o presente suspenso no espaço. Isso contribui para que, aos olhos do jovem, a escola se apresente como outro mundo, onde ele precisa assumir atitudes e uma personalidade diferente, e veem os professores como pessoas distantes, visto que a proposta do EMITec não possibilita uma interação efetiva entre o jovem e o professor. Os chats não são suficientes para garantir o estabelecimento de uma relação entre os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem.

No que se relaciona à temática da juventude do campo, percebe-se que há duas demandas postas à escola do meio rural: de um lado há a necessidade de uma escola que agregue o jovem de maneira global, com todas as suas especificidades e anseios; do outro há a necessidade de construir uma escola de acordo com o contexto sócio-político, cultural e econômico do homem do campo. A esse respeito Leite (2002, p. 14), afirma que “pensar a escola rural é pensar o homem rural, seu contexto, sua dimensão como cidadão”.

Assim, ao trabalhar sob uma perspectiva homogeneizadora, a escola cria um atrito com os jovens, pois não lhes dá espaço para expressar suas opiniões ou expressar-se livremente. Essa configuração de ensino pode ser entendida, segundo Dayrell (1996, p. 5), como um modelo educacional que “expressa uma lógica instrumental, (...) centrada na transmissão de informações. Reduz os sujeitos a alunos, apreendidos sobretudo pela dimensão cognitiva”. Isso é vivenciado no modo como a escola organiza seu espaço, seu currículo, os

tempos e os ritmos das atividades, assim como, produz seu fracasso. A sociedade transforma-se, mas a escola continua com as mesmas regras, os mesmos hábitos e um modelo educacional pautado no ensino. Nesse sentido, o Ensino a Distância – EAD, constitui-se como uma ferramenta moderna para promover uma educação pública para quem tem dificuldades de frequentar o ensino regular, mas sua configuração metodológica é pautada na transmissão de conteúdos, sem problematizá-los ou propor uma relação com a realidade dos jovens. De acordo com Gugé (et al 2007, p. 2941), a respeito da evolução da EAD, destaca que “a Educação a Distância (EAD) no Brasil vem crescendo de forma substancial nos últimos anos. Segundo o Censo da Educação Superior (2012), divulgado pelo Ministério da Educação (MEC), somente entre os anos de 2011 e 2012 houve um aumento de 12,2% nas matrículas da EAD”.

Entretanto, esses dados não refletem, em muitas escolas, uma realidade positiva, pois além da interação entre professor e aluno ser muito frágil, não leva em conta aspectos como a falta de preparação dos monitores, a qualidade do sinal da internet em muitas regiões, as características locais relacionadas ao trabalho, ao período de chuvas, por exemplo, ausência de um trabalho pedagógico que complemente as aulas transmitidas no sentido de contemplar as características socioculturais de cada localidade. A EAD, portanto, não contempla a diversidade sociocultural dos jovens alunos. Diariamente a escola é frequentada por sujeitos de contextos socioculturais e familiares diversos, com visões de mundo próprias e cheios de entusiasmo pela diversão, pela tecnologia, pela moda, pela música, entre outros. Sujeitos esses que são vistos pela escola unicamente como alunos, como alguém a quem se deve ensinar algo. E a proposta de ensino do EMITec concebe os jovens apenas como ‘alunos’, não como sujeitos históricos com especificidades distintas e com uma realidade diferente do cotidiano escolar. No caso dos jovens, suas experiências não são contemplados no cotidiano da sala de aula, havendo uma homogeneização do processo de ensino. Isso revela falta de relação entre a metodologia do EMITec e os jovens alunos. Nesse cenário, “é muito comum, nas escolas, a visão da juventude tomada como um ‘vir a ser’, projetada para o futuro (...)” (DAYRELL, 2007, p. 1117). Isso mostra a necessidade de um projeto educativo que contemple os jovens em todas as suas particularidades e considere os elementos de sua cultura e suas experiências do seu contexto social no cotidiano escolar.

No âmbito da educação do campo o problema tende a agravar-se, pois além de sofrer com um modelo educacional que não é do campo nem construído com o seu povo, sofre com a ausência de incentivo do Estado, desde a infraestrutura e recursos materiais, até a falta de

profissionais habilitados a atuarem no meio rural e programas que contemplem os jovens desse espaço. Desse modo, este trabalho propõe-se a dar destaque ao ser jovem no campo, como se constitui sua cultura, quais suas experiências e como acontece o processo formativo do jovem que frequenta o Ensino Médio por Intermediação Tecnológica.

Algumas considerações

Investigar a respeito das políticas educacionais para o Ensino Médio no campo com Intermediação Tecnológica - EMITec vai além da investigação sobre leis, decretos ou pareceres. Falar do EMITec no campo pressupõe falar de educação de qualidade para a juventude desse espaço; de uma educação que vá ao encontro das perspectivas de formação dos jovens do campo; de um modelo educacional construído de acordo com as especificidades da juventude em cada contexto, seja indígena, ribeirinho, quilombola, caiçara, dentre outros. E para construir um processo de ensino que vá ao encontro das necessidades formativas e especificidades culturais da juventude campesina é essencial a existência de políticas públicas educacionais eficientes, que garantam de fato uma educação de qualidade, escolas com infraestrutura adequada e profissionais habilitados para atuarem nesse espaço de formação, no sentido de oportunizar uma verdadeira educação do campo. Desse modo, a pesquisa tem evidenciado que os povos do campo têm sua história marcada pelas

Desigualdades econômicas, sociais e para nós desigualdades educativas, escolares. Sabemos como o pertencimento social, indígena, racial, do campo é decisivo nessas históricas desigualdades. Há uma dívida histórica, mas há também uma dívida de conhecimento dessa dívida histórica. E esse parece que seria um dos pontos que demanda pesquisas. Pesquisar essa dívida histórica (ARROYO; 2006, p.104).

Nesse cenário, é claro que somente a educação não solucionará os problemas sociais dos jovens que vivem do campo; são necessárias outras políticas públicas nas áreas do campo brasileiro para que os jovens que decidirem viver e trabalhar no campo viva com mais dignidade. No que concerne ao objeto de estudo desta pesquisa, o EMITec, está posto no Projeto Base do Ensino Médio com Intermediação Tecnológica do Estado da Bahia que o objetivo central é possibilitar aos estudantes jovens e adultos, que residem em localidades de difícil acesso e não possuem unidades de ensino que ofertam o Ensino Médio, a permanência e conclusão da educação básica; isso por meio de uma proposta político pedagógica específica

para o programa e que respeite os saberes e a multiculturalidade⁵ das comunidades. Entretanto, essa investigação tem evidenciado que esse programa assenta-se em um modelo educacional pautado no professor e no ensino; a despeito das mudanças estruturais na sociedade o programa de ensino à distância fundamenta-se na fala do professor e no livro didático, em um processo repetitivo onde o aluno precisa assimilar um determinado conhecimento em um tempo estipulado.

É possível perceber, então, que as perspectivas de formação e os elementos da cultura juvenil ainda não são contemplados na proposta pedagógica do EMITec. Ao desenvolver um programa pautado unicamente na transmissão de conteúdos, no livro didático e na realização de avaliações periódicas, contribui para que muitos alunos percam o interesse pelas aulas e expressem esse descontentamento por meio de comportamentos inadequados, dispersão durante as transmissões, ausências da sala de aula e faltas constantes. Aliado a isso outro aspecto do programa carece de atenção, a atuação dos monitores, que tem se limitado a manusear os equipamentos de transmissão da teleaula. Tudo isso revela a existência de uma fragilidade crônica nesta modalidade de ensino, carecendo uma reflexão e possível reformulação na constituição do programa para que, de fato, alcance os objetivos proposto em seu projeto base.

Assim, mesmo o programa contando com professores especialistas, com salas equipadas com os aparelhos tecnológicos necessários para a transmissão das aulas, sinal de internet e disponibilização do transporte escolar, por meio da parceria entre Estado e Município, há a necessidade de uma ampliação na proposta pedagógica no sentido de prever a realização de atividades extraclasse que sejam dinâmicas, elaboradas segundo os interesses dos alunos, e que oportunize o protagonismo juvenil dentro e fora da escola.

Referências

ARROYO, G. Miguel. A escola do campo e a pesquisa do campo: metas. In: MOLINA, M. C. **Educação do campo e pesquisas: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

BRASIL, **Lei nº 9.394/96**. MEC, Brasília, 1996.

⁵ Projeto Base do Ensino Médio com Intermediação Tecnológica do Estado da Bahia – EMITec/2011.

DAYRELL, J. **A escola 'faz' as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação e Sociedade. Vol. 28, n. 100 – especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 10.03.2019.

DAYRELL, J. **A escola como espaço sócio-cultural.** 1996. Disponível em: <https://ensinosociologia.milharal.org/.../Dayrell-1996-Escola-espaco-socio-cultural.pdf>. Acesso em: 10. 03. 2019.

DULCI, L. **A juventude rural e o futuro da agricultura familiar no Brasil.** Edição 145. 15 fev 2016. Disponível em: <http://www.teoriaedebate.org.br/index.php?q=materias/sociedade/juventude-rural-e-o-futuro-da-agricultura-familiar-no-brasil>. Acesso em: 01.03.2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** – 5. ed. – São Paulo: Atlas, 1995.

GUGÉ, L. R. et al. **A interatividade no EMITec** – Ensino Médio com Intermediação Tecnológica no Distrito de Ressaca situado no município de Piripá – BA. Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 6, n. 6, p 2939-2956, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/view/7410>. Acesso em: 10.03.2019.

LEÃO, G.; ANTUNES-ROCHA, M. I.(organizadores). **Juventudes do Campo.** 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. – (Coleção Caminhos da Educação do Campo).

LEITE, S. C. **Escola Rural:** urbanização e políticas educacionais. – 2. Ed. – São Paulo, Cortez: 2002. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 70)

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 24ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

MOLINA, M. C.; ANTUNES-ROCHA, M. I. **Educação do campo, história, práticas e desafios no âmbito das políticas de formação de educadores** – reflexões sobre o Pronera e o Procampo. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.22, n.2, p.220-253, jul./dez.2014 <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>. Acesso em: 01.04.2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, L. M. dos; ARAÚJO, H. A. B. de. **Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec):** inclusão e escolarização na zona rural e regiões remotas. Salvador/BA Maio/2017. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2017/trabalhos/pdf/153.pdf>. Acesso em: 08.03.2019.

WEISHEIMER, N. **Sobre a invisibilidade social das juventudes rurais.** Densidades. Número 1. Ano 1. Dez. 2013.

Inaiara Alves Rolim

Mestranda do programa de pós-graduação da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, Mestrado Profissional em Educação – Formação de Professores da Educação Básica (PPGE). Especialista em Educação do Campo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IFBA. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Professora da Educação Básica no município de Serra do Ramalho – BA. Email: inaiarolim@gmail.com.

Elis Cristina Fiamengue

Doutorado em Sociologia, Faculdade de Ciências e Letras – FCL, na Universidade Estadual Paulista – UNESP. Graduada em Ciências Sociais na Faculdade de Ciências e Letras – FCL, na Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação – PPGE e do Mestrado em História, ambos na Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Email: eliscf@gmail.com.